A Herança de Annabelle

Diana Palmer

Legado de Amor

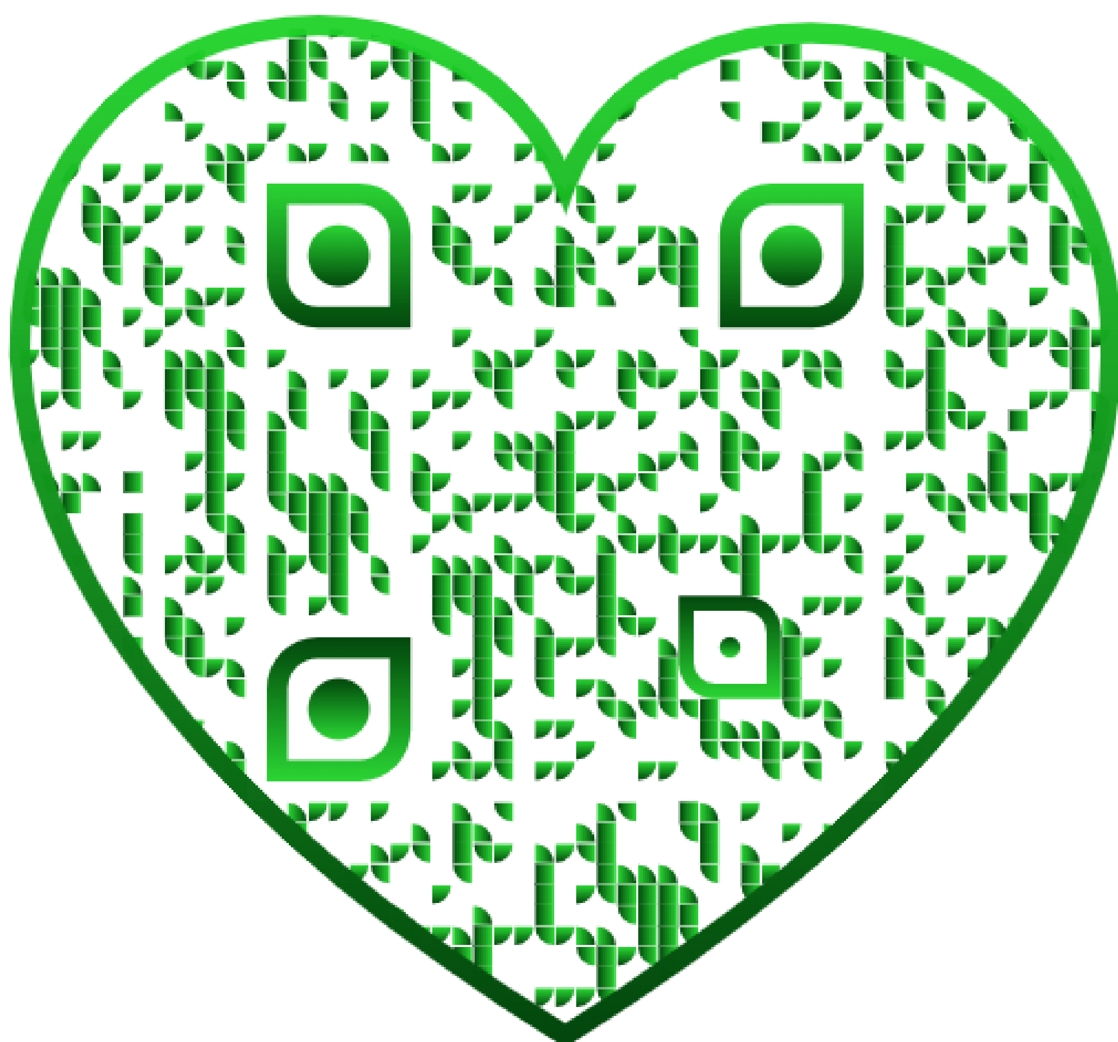


Disponibilização: YGMR
Tradução: Gisa
Revisão: ?
Revisão Final: ?

Projeto Revisoras Traduções



Este Livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, é de fãs para fãs.
A comercialização deste produto é estritamente proibida.



A alta cerca-viva de rosas dos vizinhos foi a primeira coisa que Annabelle viu ao entrar na grande mansão vitoriana em *Main Street*, indo atrás dos fortes rapazes que seus pais tinham contratado para fazer a mudança. Estava muito distante de sua querida St. Louis, de terras verdes e de rios caudalosos. Já sentia falta daquela terra fértil, pois o oeste do Texas era seco e amarronzado, e haviam dito a ela que os rios ficavam sem água durante o estio. Em lugar das graciosas casas e as cuidadas gramas a que estava acostumada, encontrou *mezquites* e cactos cheios de espinhos o que era pior.

— Annabelle, não fique entretida, querida — disse sua mãe da janela do aposento de trás. — Me ajude a decidir onde ponho as estantes dos livros.

Annabelle levantou as longas saias e subiu os degraus que restavam, procurando não mostrar mais que os sapatos. Os homens da mudança não a olhavam naquele momento, mas mesmo assim terei que estar alerta, pensou.

Sua mãe se achava no centro da sala, Se abanando com um chamativo leque de papalão que de um lado tinha uma reprodução do último jantar e na outra o anúncio de uma funerária.

— Querida, querida, que calor faz aqui no verão! — gemeu. — Annabelle, vamos fritar.

— Provelmente não — disse a jovem com um sorriso. Como sua mãe, ela também era pequena e loira, com olhos de cor verde pálida. Todas as Monroe eram assim, conforme tinha comentado seu pai em certa ocasião. Ela preferia o lado materno de sua família, mais que o paterno, que tinha o sobrenome Coleman. Para maior contraste, os Coleman eram altos e morenos. O cabelo de seu pai ainda era castanho escuro, embora estava já por fazer quarenta e cinco anos. Suas costeletas, a barba e o bigode tinham fios prateados que lhe davam um ar de majestosa dignidade. — Será uma experiência nova — acrescentou. — Tentaremos ser felizes aqui, por papai.

Sua mãe suspirou.

— Sim, sei. Pobre Edwin, não queria aceitar a nomeação, mas não podia recusar. Agora é inspetor da Companhia de Ferrovias do Texas e do Pacífico e o lógico era que o enviassem prá ca. Acredito que nos relacionaremos com muita gente. Ao menos, isso fará nossa estadia aqui mais suportável.

Annabelle fez uma careta. Detestava reuniões sociais. Preferia a companhia dos livros a conviver com as pessoas da convivência de seus pais.

Distraída, olhou para a casa do lado. Era mais velha que aquela tão bonita em que eles foram morar, e seu aspecto era realmente original. Era de pedra e tinha um limpo e pequeno jardim cheio de roseiras. Logo se sentiu atraída por ela e se perguntou quem viveria ali.

— Sabe algo dessa casa? — perguntou Annabelle a um dos homens da mudança.

— Sim, senhora — disse o moço, limpando o suor da frente com um antebraço da cor de chocolate. — Aí mora John Torrance. Eu não o incomodaria se fosse você. Detesta a todo mundo. Brigou com um homem esta semana, por pedir-lhe que respondesse umas perguntas para o censo. Jogou-o porta-fora, sim senhora, fez isso. É um sujeito intratável, senhorita.

—Então, é um homem mais velho?

O rapaz da mudança riu baixinho.

— Pois não é. Mas tem um caráter que demoram anos para serem forjados.

— Tem família? É casado?

O homem negou com a cabeça e começou a levantar de novo a pesada poltrona.

— Não creio que nenhuma mulher se aproxime. Assustam-se quando o vê pela primeira vez… — Uma voz chamou pelo rapaz: — Já vou, Ned! — Pediu desculpas a Annabelle e se afastou pelo corredor.

Annabelle estava intrigada com o misterioso vizinho. Seus pais, ela e suas irmãs menores, Rose e Jane, instalaram-se finalmente e ainda sobrou tempo para sentar-se em um banco que que havia no jardim de rosas que o jardineiro cuidava tão amorosamente, e ficava junto do pé de um *mezquite* de longos e frondosos ramos.

Tinha nas mãos um livro muito especial, uma herança de família que sua mãe tinha guardado como ouro em um pedaço de feltro e presenteara Annabelle quando esta completara dezoito anos. Sua mãe lhe falara que havia várias cópias do livro. Annabelle tinha visto uma vez o manuscrito original, caligrafado por um monge europeu da Idade Média, em latim, é óbvio. Tinham-no doado à *Biblioteca do Congresso* há quase um século. Naquela época, a tataravó de Annabelle tinha dado uma cópia do livro a cada uma de suas três filhas. Uma das cópias tinha chegado até ela através de sua própria avó, Caridad Monroe.

Annabelle tinha visto o original durante uma memorável visita a capital do país. Suas respeitosas mãos tinham tremido enquanto percorria com os dedos a vistosa caligrafia latina. As delicadas páginas estavam ilustradas, e não importava que estivesse em latim, pois o inglês da Idade Média teria sido ilegível em 1900. Sua linguagem se pareceria mais à de *Beowlf* que à língua de Shakespeare. Não achava o latim difícil, já que quase todos os universitários norte-americanos o aprendiam junto com o grego. Annabelle tinha recebido aulas de latim e sentiu um calafrio inexplicável ao ler algo tão antigo e de tão incalculável valor, ter na mão o livro original, com suas

letras que contavam história: Os T eram punhos de espada, os V eram escudos em forma de losangos e os S eram dragões ferozes.

Seu exemplar estava guardado em um cofre de madeira com incrustações em ouro. Adorava lê-lo enquanto suspirava pelo amor maravilhoso de que falava o livro. Com os dedos percorria a cobertura da capa e com os olhos acariciava as páginas. Havia anotações de mulheres de várias gerações, muitas em um incompreensível inglês antigo, relativas a um mágico sentimento chamado amor. Uma anotação, feita no tempo de Isabel I da Inglaterra (por uma de suas damas), dizia: “A honra traz a felicidade”. Foi esta inscrição que disparou a imaginação de Annabelle e despertou o desejo de viver um amor tão nobre que chegasse a inspirar uma grande obra literária. E Annabelle não era a única cativada pelo livro. Suas irmãs, Rose e Jane, que ainda iam à escola, adoravam sentar-se no balanço do alpendre ou no banco do pátio traseiro, uma em cada lado de Annabelle para ouvi-la ler em voz alta aquele livro tão especial.

Pouco depois de se instalar na nova casa, começou ouvir uns ruídos do outro lado dos arbustos perto de onde as meninas se sentavam à tarde para ler. A princípio foram ruídos distantes. Então, lentamente, dia após dia, o ruído foi se aproximando.

Uma tarde, Annabelle mandou que suas irmãs entrassem em casa, levantou as saias do vestido branco de renda e procurou a origem do ruído, rodeando os *mirtos* antes que seu invisível ouvinte tivesse tempo de escapar.

O homem com quem deu de cara fez com que seu coração paralizasse. Era alto, muito moreno, com olhos pequenos e da cor das azeitonas verdes. Tinha o cabelo negro como carvão. Vestia roupas respeitáveis, uma boa camisa de algodão, laço, calça de veludo cotelê e um paletó curto. Mas foi seu rosto que chamou sua atenção. O rosto de Annabelle mostrou irritação ao vê-lo e o homem retrocedeu.

— Peço que me perdoe — disse com um grunhido. — Estava podando as roseiras. Não queria interromper.

Então viu as tesouras em sua mão esquerda e o coração começou a pulsar com tanta força que temeu desmaiar. O espartilho de ossos de baleia a impediam de respirar com aquele calor e respirou fundo, com falta de ar.

— Vai desmaiar? — perguntou o homem com sorriso sarcástico. — Está se demorando para decidir...

Annabelle se empertigou, pálida mas resolvida.

— O senhor deve ser o Senhor Torrance, — disse estendendo a pequena mão. — Sou Annabelle Coleman. Acabo de me mudar com meus pais e duas irmãs menores. Meu pai trabalha para a Companhia de Ferrovias do Texas e do Pacífico.

O homem não apertou a mão de Annabelle e as largas e brancas cicatrizes que cruzavam sua face pareceram dilatar-se enquanto seu rosto tensionava. Não usava barba para as ocultar nem parecia confuso ou envergonhado. Mas não disse nada.

—O que aconteceu ao seu rosto, senhor Torrance? — acrescentou amavelmente, com mais preocupação que pesar.

O homem piscou. Ninguém nunca tinha perguntado isso a ele. Pareceu titubear.

— Se a pergunta o incomodou a retiro —prosseguiu Annabelle em tom conciliador.

— Não me incomodou, vindo de você não —disse o homem com calma. — Estava no México perseguindo revoltosos. Os *yaquis* nos capturaram no deserto, a mim e a outro voluntário.

— Os *yaquis*? — disse Annabelle. Ficou esperando, já que não conhecia a palavra.

— Você os chamaria de índios. Eram homens desesperados. Pensaram que eu trabalhava para o exército regular, assim me deram um bom castigo. O homem que estava comigo morreu.

Foi uma observação contundente e dava uma vívida imagem do que devia ter suportado.

— Isto é só o que se vê — acrescentou, tocando a face cheia de cicatrizes e rindo com frieza.

Annabelle mordeu o lábio inferior.

—Foi com faca, não é? — disse. — Deve ter doído muito. Sinto muito, senhor Torrance. Sinto ter trazido ao senhor lembranças desagradáveis com minhas perguntas tolas.

O homem mostrou que não devia se preocupar com isso, agitando a mão grande e bronzeada. Entreabriu os olhos procurando os seus.

— Não tem medo de mim.

Ela sorriu.

— Deveria ter? Você tem rosas magníficas, senhor Torrance. Admirei-as, e sua casa também, desde o momento em que chegamos.

— Gosta de flores, senhorita…? — disse com um brilho no olhar.

— Coleman. Sim, eu gosto muito.

O homem a observou devagar, desde o coque loiro que puxava seu rosto oval até seus suaves olhos verdes, muito mais escuros que os dele. A alta gola de renda se movia como se

tivesse o pulso acelerado. A renda de seu peito também subia e descia com rapidez, mas o homem foi cavalheiro o bastante para não baixar indiscretamente o olhar.

— Você é muito jovem, senhorita Coleman — comentou.

— Vinte anos, senhor — respondeu ela. — Não tão jovem.

— Quando tiver trinta e seis não pensará o mesmo.

— Então estarei na flor da idade —respondeu Annabelle com uma piscadela, sorrindo.

O homem levantou as podaderas.

— Tenho que seguir com meu trabalho.

— Faz muito tempo que vive aqui?

— Muito mais do que pretendia — disse ele. — Meu irmão estava inválido e vim viver com ele quando… — se deteve. — Morreu há uns meses e me deixou a casa. Então, fiquei.

— Você nasceu no Texas?

Torrance assentiu com a cabeça.

— Mas você, suspeito que não.

— Nós somos de St. Louis.

— Nortistas.

— Não é necessário que o pronuncie como se fosse uma palavra feia, — replicou ela com solenidade fingida. Seus olhos verdes cintilaram. — Somos boas pessoas, e não somos nem ruidosos nem impertinentes. Já se dará conta de que somos uns vizinhos excelentes, embora com uma ligeira inclinação a falar muito.

O homem pôs-se a rir. Inclusive ele se surpreendeu ao se ouvir. Fazia muito que ninguém o deixava de bom humor.

— Ouça, parece muito menos feroz quando não briga com as pessoas — acrescentou Annabelle.

O homem meneou a cabeça.

— Fala de você com muita confiança, senhorita Coleman. Seus pais não gostariam. Não sou uma companhia apropriada para uma moça de sua idade.

— Eu decidirei quem é apropriado para me fazer companhia — respondeu Annabelle, embora olhasse para sua casa para ver se as cortinas das janelas se moviam. — Se estiver podando as roseiras amanhã à mesma hora,o apresentarei às minhas irmãs.

O homem arregalou os olhos.

— Para assustá-las também?

— Só foi um susto momentâneo — disse Annabelle. — Você espera que as pessoas se sintam horrorizadas ao vê-lo, mas assim que começa a falar, ninguém se lembra das cicatrizes.

— Ai meu Deus! — exclamou o homem com irritação.

— Senhor! — exclamou ela, escandalizada porque um cavalheiro jamais utilizaria aquela linguagem diante de uma senhora. Era contra todas as convenções sociais.

O homem rugiu de fúria.

— Muito bem, desculpe-me. Tenho que ir.

— Que tenha muito bom dia, senhor Torrance.

O homem fez uma inclinação de cabeça em direção dela, virou-se e se afastou. Annabelle viu então que mancava e seu rosto se contraiu. As cicatrizes do rosto eram as únicas que se viam. Teria chorado de pesar, mas tinha a sensação de que aquele homem não gostava que se apiedassem dele. Quando se virou repentinamente, o que ele viu foi um rosto imperturbável, tal como ela tinha esperado. Não viu nenhum rastro de compaixão na tranquila expressão da jovem. Pôs-se a rir com vontade ao compreender que se equivocara ao julgá-la e seguiu seu caminho.

Annabelle voltou para sua casa, perguntando-se quanto tempo teria transcorrido do horrível episódio com os *yaquis* e se poderia voltar a andar com normalidade. As cicatrizes de seu rosto eram brancas e largas, o que indicava que eram antigas. Feridas recentes, como o corte que ela tinha feito na mão com uma faca, eram vermelhas e estavam em carne viva. Ela tinha uma cicatriz antiga, branca e larga como as do homem. Mas a sua procedia de uma queda que tinha sofrido na escola em St Louis, as dele procediam de uma experiência muito mais aterradora.

Annabelle entrou no salão e seus pais a olharam com ar de interrogação.

— As meninas me falaram que você estava falando com esse ermitão que temos por vizinho — disse solenemente o pai. — Não é apropriado que uma senhorita seja vista sozinha com um homem de sua classe.

— De sua classe? — perguntou Annabelle com ar de inocência.

— É um patife — disse seu pai. —Ouvi falar do senhor Torrance na cidade. Era dos Texas Rangers, uma estirpe depravada. Dizem que matou vários homens, querida.

— Se era agente da lei, não me choca que o fizesse. O vovô Monroe também foi agente da lei — o lembrou, sem deixar transparecer sua emoção. Não considerava o senhor Torrance um homicida e não gostava de pensar assim dele. Sorriu para seu pai. — É um bom homem. Minha intuição diz isso. Adora rosas. As cultiva.

— Bonito trabalho para um foragido da fronteira — murmurou seu pai.

— Não é um foragido.

— Não deve contradizer seu pai — disse a mãe com firmeza.

— Se tivesse razão, não o contradizeria — disse Annabelle, sorrindo para seu pai.

— Sou um mau pai — murmurou o homem. — Estou criando você muito mau Annabelle.

— Ambos o fazem — admitiu a jovem. — É um homem amargurado e machucado — acrescentou. — Um bom cristão não dá as costas a uma ovelha desencaminhada — recordou-lhes.

O pai murmurou algo sobre as ovelhas que faziam melhor serviço na panela, mas não a proibiu que voltasse a falar com o vizinho. Sabia que não serviria de nada. Annabelle era tão cabeça dura como ele. E tratar de salvar as almas desencaminhadas da sociedade era, como sua filha dizia, o dever de tudo bom cristão.

— Procura não ficar a sós com ele — advertiu-a sua mãe. — De um homem assim não terá que esperar bons maneiras. Não permitirei que sua reputação fique comprometida diante das pessoas.

— Tampouco eu, mamãe — disse Annabelle.

— É um foragido, Anna? — perguntou Rose com excitação.

— Pode ser um assaltante, como o tal Cassidy — disse Jane.

— Foi agente da lei — replicou ela. — Um Texas Ranger.

— Ah! Ah! — exclamou Rose. — Que emocionante! Usa revólver? Acha que nos ensinaria atirar?

— Rose, deveria se envergonhar! — exclamou sua mãe. — Os livros de novelas não contam histórias reais. Tem que saber que são histórias fictícias!

— Onde há fumaça, há fogo — replicou Annabelle, sorrindo para sua mãe. — Lembra as histórias que vovô contava sobre fugitivos e agentes da lei com os revólveres fumegando e vomitando fogo.

A mãe se ruborizou.

— Uma vergonha, Annabelle! Sempre achei que ele inventava a maioria daquelas histórias.

Mas a Annabelle ela não enganava. Sabia que a sua mãe tinham gostado muito das anedotas do avô sobre o oeste selvagem. Annabelle saiu ao pátio traseiro com suas irmãs e com seu precioso livro na mão, esperando que seu fugitivo estivesse por ali. Optou por esquecer da brutalidade da antiga profissão daquele homem.

Todos os dias lia em voz alta e todos os dias ele a escutava. Ela sabia, ele também e a poda das roseiras só era uma desculpa. Annabelle se perguntava por que não lia outros livros, se gostava tanto de ouvir aquela história. Era um homem curioso. Apresentou-o para Jane Rose, mas se afastou em seguida com uma rápida desculpa. Depois daquilo, Annabelle guardou à distância.

Entretanto, aquele homem a fascinava. Percebeu que sempre que saía de casa, o que ocorria muito raramente, montava um cavalo que guardava na locais. Nunca ia em cabriolé ou em caruagem.

Um dia, quando terminou de ler para suas irmãs, apertou o livro contra o peito e deu a volta na cerca pra perguntar o por que.

— O que importa a você minha modalidade de transporte? —replicou o homem, embora sem rabugice.

— Sinto curiosidade.

— Minha mãe morreu em um acidente enquanto ia em uma carruagem — respondeu com simplicidade. — Nunca subo em uma se puder evitar.

— Há cavalos que não acostumam estranhar a carruagem —disse ela.

— Sei disso agora —respondeu ele.

— Sinto muito — disse ela, sorrindo timidamente.

O homem observou lentamente seu rosto com olhos estranhos.

— Como é que seus pais permitem que você fale a sós com um desconhecido? Eles não se preocupam em que eu possa fazer mal a você?

Annabelle baixou o olhar para que ele não pudesse ler muito nela.

— São bons pais. Confiam em mim.

— Mas não me conhecem — lembrou ele.

— De certa maneira sim. As pessoas falam de você.

— Fofocas —disse o homem com irritação.

— Isso também. Você é muito reservado. As pessoas sempre falam mal de quem evita a companhia de seus semelhantes.

— Não tenho interesse por relacionamentos efêmeros — disse o homem, dando de ombros.

Annabelle se lembrou do funcionário do censo que ele tinha jogaado pra fora de sua casa e de sua forma de escutar quando lia o livro. Olhou-o com curiosidade, sem saber se teria coragem de fazer uma pergunta.

O vizinho olhou o livro que tinha na mão.

— Que livro é esse que sempre lê? —perguntou bruscamente.

— É parte de uma herança familiar que vem passando de mães para filhas há séculos. O original, que está na Biblioteca do Congresso, está em latim. É tão antigo que nenhuma pessoa viva sabe qual sua origem, embora seja certo que procede da Europa. A lenda diz que um monge o escreveu. Certamente, é uma história que inspira respeito.

— Você o lê de um modo muito estimulante.

— Obrigada — disse Annabelle sorrindo. — Tem algum livro preferido, senhor Torrance?

— Não —disse o homem com rosto inexpressivo.

— Nem sequer a Bíblia?

Torrance apertou os dentes e não respondeu.

Ela se aproximou.

— Senhor Torrance, — disse com gentileza — não sabe ler, não é isso?

O homem a olhou com raiva, girou sobre seus calcanhares e se dirigiu para sua casa. Annabelle fez uma careta, enojada de si mesma. Não deveria ter perguntado aquiloa ele tão bruscamente, teria que ter esperado até que surgisse a oportunidade. Agora o ofendera e não ia querer se aproximar dela nunca mais. Ah, que má língua tinha!

Annabelle entrou em casa com mau humor e sua mãe perguntou qual era a causa.

A moça levantou os olhos para sua mãe, sorriu com tristeza e respondeu:

— É por causa da parte do livro que estou lendo agora — mentiu. — É muito triste.

— Ah, mas tem um final feliz —disse a mãe, que sabia porque tinha lido o livro várias vezes. — Não deixe que os obstáculos se interponham em seu caminho, querida. O amor verdadeiro tem que percorrer um caminho difícil para merecer esse nome. *"Quem algo quer, algo lhe custa".*

Aquilo era apenas um ditado popular, mas Annabelle se deu conta de que tinha esperado que sua amizade com John Torrance avançasse com fluidez, sem dificuldades. Não era assim. Era um homem ressentido e orgulhoso. Se não sabia ler nem escrever, não iria admitir e muito menos para uma mulher que era uma estranha para ele. O tinha atropelado e avassalado. Demoraria algum tempo para reaparecer. Mas se reaparecesse provavelmente puderia ajudá-lo.

Que triste era que um homem chegasse a semelhante idade sem saber ler. Era uma grande lástima. O que seria a seria da vida sem a alegria de explorar outros seres humanos através das páginas de um livro? Havia muitos autores que se converteram em amigos de Annabelle graças a suas palavras; palavras que tinham percorrido os séculos para acabar ante seus olhos, seu coração e sua mente. Quanta história havia naqueles traços negros que destacavam sobre o papel branco. Ai, ai. Fosse como fosse, ensinaria o senhor Torrance a ler. Aquele homem não suspeitava dos mundos que ela podia ensinar se a deixasse. Annabelle continuou lendo para suas irmãs no jardim durante os dias seguintes, mas já não voltou a ouvir rangidos do outro lado da sebe. A casa vizinha permanecia em silêncio.

A moça começou a se desesperar, pois não podia ir diretamente à sua porta e exigir que falasse com ela. Ainda mais agora que tinha descoberto a razão de seu mau humor e sua reclusão, tinha que ajudá-lo. Se ao menos ele reaparecesse! Ela teria mais paciência e esperaria todo o tempo que fosse necessário para ganhar sua confiança.

Um dia, quando já parecia que o homem tinha renunciado definitivamente a espiar suas leituras com suas irmãs, voltou a ouvir o seco da tesoura podando do outro lado da sebe. Teve que conter as lágrimas, porque aquilo devia ser uma resposta às suas preces.

— Annabelle, você ouviu…? — disse Jane.

Annabelle levou o dedo aos lábios, advertindo também Rose, que queria dizer algo e tinha os olhos muito abertos. Rose compreendeu e disse:

— Que livro emocionante. Nunca me canso de te ouvir, Anna.

— Nem eu tampouco — disse Jane. — Continua.

E Annabelle continuou, lentamente, pronunciando com clareza cada palavra. As podaderas ficaram em silencio até o fim da leitura. Logo voltaram a ouvir, com mais animação.

Desta vez, entretanto, Annabelle não rodeou a sebe para encontrar-se com o jardineiro, mas sim, foi para casa com suas irmãs. Durante vários dias leu o livro até que, finalmente, terminou-o.

— Que história maravilhosa — disse Jane com um suspiro. — Você crê que é possível um amor assim, Anabelle? Um homem e uma mulher podem se amar até o extremo de arriscar tudo para estarem juntos?

— Creio que é possível — disse Annabelle com cautela. — Nunca estive apaixonada. Mas algum dia estarei. E vocês também. E agora, vão! Mamãe espera por vocês para que a ajudem com o edredom.

— Detesto os edredins — murmurou Rose.
— Eu também — acrescentou Jane.

Entraram em casa ainda protestando. Annabelle se atrasou no banco, titubeando. Aguçou o ouvido tentando ouvir rumor de passos e se perguntou se o antigo Ranger já teria ido para casa.

Mas um minuto mais tarde ouviu um sussurro e o homem apareceu no outro lado da sebe com as tesouras de podar na mão. Não parecia muito confortável.

— Sabia durante todo este tempo que eu estava aí? — perguntou mostrando com a cabeça o local onde elas estiveram.

— Sim — respondeu ela com simplicidade, mordiscando o lábio inferior. — Sinto haver te constrangido a última vez que falamos. Às vezes sou muito impetuosa e digo coisas que não deveria dizer.

O homem fez um gesto de quem não se importava com aquilo.

— Fui uma vítima das palavras durante a maior parte de minha vida. Meus pais eram analfabetos e eu trabalhava tanto no rancho que não fui à escola. Nunca soube ler nem escrever. E se converteu em algo vergonhoso para mim. O funcionário do censo queria que eu preenchesse um formulário, sem se incomodar de me perguntar se sabia ler.

— E por isso de maneira destemperada o pegou pelo colarinho e o jogou longe?

O homem riu baixo.

— Vejo que minha fama voa.

— É claro que sim — disse Annabelle, apertando o livro com mais força.

— Gostei muito de ouvir a leitura do livro. — disse ao cabo de um minuto. — Lê exatamente o que está escrito ou improvisa o que lê?

— Oh não... Leio exatamente o que está escrito há muitos anos — disse sem afrouxar o abraço ao livro. — É uma tradução, claro, e pode ser que haja alguma diferença em relação ao original. Mas a história é a mesma. — Titubeou sem deixar de olhá-lo. — Quando li a Bíblia, aprendi coisas sobre pessoas e lugares que existiram quando Nosso Senhor andava pela terra. Quando leio um livro de poesia ou prosa, ouço palavras que alguém pensou há séculos. É… é como comunicar-me com gente que está morta há tempos. Suas idéias, seus sonhos, suas metas, suas penas, tudo está no papel para que eu o veja e medite em suas experiências. — Seus olhos brilhavam de emoção enquanto falava animadamente. — Posso ver o passado através das páginas deste livro — Acrescentou acariciando a capa de pele até chegar ao pequeno broche de latão que o fechava. — Posso ouvir os pensamentos de alguns dos mais famosos pensadores e sonhadores que houve no mundo.

— Eu poderia... fazer isso se soubesse ler? — perguntou o homem.
— Oh, sim. E muito mais que isso, poderia escrever o que pensa e o que sente. E possivelmente, dentro de cem anos, alguém lerá o que você escreveu e saberá o tipo de pessoa que foi, onde vivia e o que pensava e sentia.

O homem esboçou um sorriso.

— Parece coisa de magia,.

— E é. — disse Anabelle fervorosamente. — É sim!

O homem vacilou, levantando os olhos das tesouras para olhar o rosto avermelhado da jovem.

— Senhorita Coleman... você poderia... me ensinar... a ler e a escrever?

— Creio que sim — disse ela, sorrindo. — Oh, sim, creio que sim, senhor Torrance, quiser que eu o faça.

Ele assentiu com a cabeça e olhou para a casa da moça com uma careta.

— Eu não gostaria que minha… falta de estudos fosse do conhecimento público. Certamente, sua família terá que saber, do contrário se oporá.

— Isso eu já sei.

— E não devemos ficar sozinhos —sublinhou o homem.

— Um cavalheiro! — disse ela, ruborizando-se.

— Não quero parecer impertinente. Mas pelo bem de sua reputação — insistiu o homem, — suas irmãs deverão acompanhá-la se vier à minha casa.

— Estou certa de que terão muito prazer em nos fazer companhia.

Ele não. Mas queria aprender a ler. Nos lábios da moça tinha sido como encontrar o final do arco íris.

— Então, falará você com seus pais ou prefere que o eu faça?

— Eu o farei —disse Annabelle. — Será mais fácil.

Ele esteva de acordo.

— Então… quando me fará saber isso?

— Logo que seja possível. Amanhã?

— Amanhã —disse ele, e se dirigiu rapidamente para o outro lado do sebe, coxeando mais do habitual. O viu partir com uma curiosa sensação de prazer. Era o princípio de algo. O tempo diria do que.

Annabelle falou com seus pais aquela mesma noite, disposta a uma queda de braço, se fosse necessário.

Mas, surpreendentemente, o pai ficou atônito diante do que lhe disse.

— Pobre homem! — exclamou, deixando o jornal que estava lendo. — Annabelle, isso deve ser uma grande desvantagem em seu trabalho.

— É claro que sim, papai — disse ela. — O que me anima é que tenha sido capaz de admitir sua ignorância. Tenho tempo sw sobra e minha melhor amiga em St Louis era Matilda Hawkins, que era professora de escola. Eu a observava e inclusive a ajudei em uma ocasião quando ensinava na escola primária. Estou certa de como se ensina a ler.

— Nesse caso, não porei objeções. Mas não deve irà à sua casa sozinha...

— Rose e Jane podem vir comigo —disse Annabelle com um sorriso.

O pai assentiu com a cabeça.

— Muito bem. E nada de ir de noite.

— É óbvio que não.

A mãe, que não tinha perdido nada, mas não tinha querido intervir, concordou com ele.

— Admira-me seu interesseor por esse pobre homem, Anabelle. Provavelmente nos equivocamos ao julaga-lo tão duramente baseado na aparência.

— Ou talvez não — disse o senhor Coleman. — De quanquer forma, aprender a ler a a escrever o ajudará a melhorar como pessoa.

Aquele comentário pôs fim à conversa. Feliz por ter conseguido, Anabelle foi para seu quarto e deitou em sua cama de dossel com cortinas de renda e, empunhando lápis e papel, começou a escrever um plano de estudos.

Uma semana mais tarde os encontros diários começaram a dar frutos. Ela, John Torrance e suas irmãs por perto. Impaciente a princípio pela lentidão de seus progressos, Torrance tinha acabado aceitando que não ia adquirir cultura da noite para o dia. Deixou de queixar-se e começou a trabalhar duro e a copiar cada letra do alfabeto até que as conheceu de cor. Logo passaram à pronúncia das vogais. A segunda semana já estavam preparados para começar com textos simples da cartilha.

Torrance lia cada palavra cuidadosamente, detendo-se para perguntar seu significado Annabelle era o espírito da paciência e não o apressava nem se zangava quando esquecia alguma letra ou tinha que pronunciar uma vogal para que ele a aprendesse.

Quando foi capaz de ler uma frase inteira sem ajuda, seu sorriso foi deslumbrante.

— Não sabia que era tão divertido — comentou.

— Mas é claro que é — respondeu ela amavelmente. — E isto é apenas o princípio, senhor Torrence!

— É claro que sim — disse Jane, contagiada pelo entusiasmo dos adultos — Agora poderá ler sobre outros países e outras pessoas, como por exemplo, sobre os índios.

Torrance franziu os lábios e entreabriu os olhos.

— Que índios?

— Não entendo — disse Jane.

— Que tribo?

— Ah, tribo! Como os comanches e os apaches.

— Isso. Vejamos, sabe você distinguir uns dos outros?

— Não. E você? —perguntou Jane emocionada.

Ele sim sabia e lhe demorou menos de um minuto para explicar que os penachos e cintas emplumadas que os guerreiros e chefes comanches usavam na cabeça eram diferentes das cintas de tecido que os apaches usavam.

Não só sua forma de vestir era diferente, mas também também sua língua e sua forma de vida Os índios das planícies viviam em "tipís" tendas altas e circulares, cobertas de pele enquanto que os apaches construíam choças redondas de madeira e folhas.

— Inclusive as flechas são diferentes, e as cordas com que atam as pontas de flecha são de tendões ou de pele sem curtir —prosseguiu— Naqueles tempos não só se sabia que tribo tinha feito uma flecha em concreto, mas também guerreiro da tribo a tinha feito.

— Isso é fantástico, senhor Torrance! —disse Rose com entusiasmo. — Sabe um montão sobre os índios!

— É claro que sim, senhorita Rose —disse ele, sorrindo com frieza.

Annabelle pensou que era mais prudente mudar de assunto, e comentou que o tempo passava e que até tinham que fazer muitas coisas naquela lição.

Mais tarde, as moças se dirigiram para a cerca enquanto Annabelle ficava para trás com John Torrance.

— Desculpe se Jane o incomodou com suas perguntas — disse.

— Ao contrário — respondeu o homem. — Eu gosto de falar sobre os poucos assuntos nos quais não sou um ignorante.

— Se tiver se sentido incomodado por minha culpa… — disse ela ruborizando-se.

— Não seja absurda — disse o homem com brutalidade. — É que me sinto um ignorante quando vejo como você lê tão bem. Sei muito sobre índios, mexicanos e revólveres, mas muito pouco da sociedade educada.

— Pois eu acho suas maneira muito educadas. — respondeu Annabelle, sorrindo ao recordar a meticulosidade com que lhes tinha servido o chá, apesar da antigüidade e estado do bule e das xícaras. Não era um jogo caro, mas estava muito limpo.

Olhou-o, fascinada pela elegância de seu porte. Era um homem alto, mas ao contrário de muitos homens altos, não andava encurvado para despistar. Andava com as costas retas como flecha e o queixo levantado. Sua forma de olhar as pessoas, intimidaria qualquer delinquente. Não piscava nem afastava o olhar. Olhava diretamente e havia franqueza na sua expressão. Mesmo o conhecendo tão pouco, Anabelle confiaria a ele sua vida. Não deixou de perceber que ele tinha causado nela uma impressão tão forte. Sem dúvida era, falou para si mesma: ele era um aluno aplicado.

Pararam junto à fila de arbustos que formavam a cerca viva, onde começava o atalho que levava à casa dela. Os lampiões de gás estavam acesos dentro de cada e a luz passava pelas janelas, iluminando o alpendre dianteiro. O lugar onde Anabelle estava com seu aluno, entretanto, estava agradavelmente escuro.

— Na próxima semana tentaremos algo mais difícil — prometeu ela.

— E este fim de semana?

— Sempre vou à cidade com minha família aos sábados e aos domingos, vou à igreja.

— Entendo.

— Você não frequenta a igreja?

Torrance fez um movimento sutil com os ombros.

— Nunca vou. Mas isso não significa que eu não creia em Deus. Um homem que viu e sofreu o que sofri, tem que acreditar Nele pra não ficar louco. Hoje mais que nunca estou convencido de que há uma mão que guia nossa vida.

A moça sorriu com complacência.

— Algum dia deveria pisar numa igreja.

— Com esta cara? — perguntou ele rapidamente. — As senhoras sairiam dando gritos por todas as portas do edifício.

Annabelle se aproximou dele e pôs a mão em seu braço com suavidade. Era surpreendentemente forte e musculoso, quente sob seus frios dedos. Ouviu-o engolir o ar e estremeceu.

— Você não é tão desagradável como quer fazer crer. — disse. — Você é um homem valente e bom.

Torrance ficou imóvel.

— Você está se arriscando — disse.

Havia crispação em sua voz e Annabelle viu em sua atitude uma tensão que não tinha estado ali antes.

— Não o entendo — balbuciou.

Torrance riu com ironia.

— Não? — disse.

Segurou-a firmemente pelos braços e a pôs diante de si, enquanto ela procurava freneticamente várias saídas. Torrance se inclinou sobre ela e a moça sentiu em seus lábios virgens a breve e forte pressão da boca masculina.

Annabelle gemeu, mas não o esbofeteou nem disse nada quando ele se afastou e a deixou respirar. Na verdade, ficou quieta, mais fascinada que nunca, paralisada no tempo por aquela inesperada ação, que não foi nada desagradável como pensava ser.

O homem apertou os dedos, machucando seu braço.

— Não se afastou— murmurou com voz profunda. — De verdade não sou repugnante ou é que simplesmente sente curiosidade? Não a tinham beijado nunca antes?

A mente de Annabelle só conseguiu assimilar uma pergunta.

— Nunca — sussurrou, ficando muito quieta, temerosa de que ele fosse embora se ela se movesse. Seu livro falava de beijos, mas ela não os tinha conhecido até agora. Era a primeira vez que experimentava. — Senhor Torrance — prosseguiu em voz baixa, tentando ver o rosto dela na pouca luz do lugar, — quereria… poderia… repetir… por favor?

O peito do Torrance se inflou e desinflou visível e audivelmente. Sua conduta era imoral e deveria estar envergonhado. Ela era muito jovem e ele sabia mais da vida. Mas a atração de seus suaves lábios era superior às suas forças.

Inclinou-se de novo para beijá-la e ela manteve os olhos abertos. Torrance os fechou e Annabelle viu suas espessas pestanas quando seus lábios voltaram a beijá-la. Mas desta vez houve uma diferença. Os lábios masculinos pararam, acariciaram, levantaram, percorreram e brincaram até que a moça começou a perceber curiosas sensações que se concentravam em seu peito e em seu sexo. Annabelle segurou a respiração enquanto ele seguia com seu suave ataque, o corpo feminino comecou a se esticar e a tremer.

Instintivamente segurou nele e descobriu que as mãos do homem gostavam daquela familiaridade. Provou isso, segurando-a pelos ombros e cintura para estreitar o corpo feminino contra si.

Aquilo sim, era magia, pensou presa na vertigem. Sentia as pernas do homem tocando-a através da saia, e o peito masculino esmagado contra o seu por cima do espartilho! Annabelle deixou escapar um suave gemido e levantou os braços para rodear seu pescoço.

Torrance afatou os lábios por fim. Annabelle sentiu seu fôlego, irregular, quente e com aroma de café, e ficou nas pontas dos pés, faminta.

— Senhorita Coleman — disse Torrance com um estrangulado fio de voz, — isto se está transformando...

As palavras seguintes não passaram de sua garganta, pois Annabelle esmagou sua boca contra a dele, e ele voltou a estreitá-la entre seus braços e a levantou do chão para que seu corpo

encaixasse perfeitamente contra o seu. Torrance sentiu um calafrio de prazer e sucumbiu ao sacrifício da cálida boca da jovem.

Depois de um longo momento se obrigou a soltá-la. Estava tremendo de desejo. Fazia muito tempo, muitíssimo, que não tocava uma mulher. Separou-se dela, temeroso de que pudesse sentir-se ofendida.

— Que… doce — disse ela com voz estrangulada. — É muito doce! Já tinha lido sobre isto, mas a realidade é… devastadora.

— E perigosa — disse ele em tom cortante. — Não deveria ter acontecido. Deve ir pra sua casa imediatamente.

— Não gostou? — perguntou ela, surpresa e vacilante. Desejava ver o seu rosto. — Sito muito. Pensei... boa noite, senhor Torrance.

Deu meia volta e saiu correndo com os olhos cheios de lágrimas. Tinha ido muito longe. O ofendera. Agora ele a odiava!

Torrance a segurou pelo braço antes que chegasse ao alpendre. A fez dar meia-volta e com suavidade limpou seu rosto com um lenço imaculadamente branco.

— Tem que aprender muitas coisas sobre os homens — disse com humor negro. — E não deveria ser eu a ensinar. Basta dizer que alguns prazeres são muito doces mas não inocentes. Devemos deixar assim.

— Pensei que me detestaria. Antes disse que fui muito longe.

— O que acaba de acontecer não foi só culpa sua — respondeu ele. — Se mau me lembro, fui eu quem começou. Não lamento e espero que você tampouco. Mas não deve voltar a acontecer. Somos aluno e professora, e isso é a única coisa que poderemos ser um para o outro.

Annabelle o escutou com horror e, de repente, concebeu uma idéia terrível.

— Você é... casado?

— Não!

Annabelle relaxou um pouco.

— Nunca quis me casar — acrescentou o homem com firmeza. — Não me interprete mal. Demorarei ainda perto de um mês para me curar completamente e então voltarei ao meu trabalho no posto do Texas Rangers em Alpine.

— Mas... você ainda não está em condições de voltar.

— Vi voltar ao trabalho Rangers em condições muito piores. Somos duros na queda.

Annabelle pensou em tudo o que aquele homem tinha suportado e no que ainda teria que suportar, e se sentiu horrorizada. Não lhe ocorreu nada que lhe dizer.

— Encontrará um homem jovem — acrescentou ele, incomodado por seu silêncio.

Ela seguia sem poder falar. Finalmente, pôde articular umas palavras para que seus pais ouvissem através da janela aberta da sala de visitas.

— O verei na segunda-feira, senhor Torrance. Boa noite e obrigado pelo chá.

Torrance emitiu uma queixa rouca quando Annabelle se virou para se dirigir ao alpendre de sua casa com muita dignidade. Torrance voltou para a seu mau humor. Esperava que ela se esquecesse dele agora que lhe tinha contado seus planos para o futuro. Não tinha nenhum direito a reter a seu lado uma mulher tão bem educada para dar a ela uma vida que não merecia. Mas o contato de seus lábios tinha sido tão doce que a lembrança duraria por toda a vida, pensou enquanto fechava a porta e passava o ferrolho. Sim, recordaria até que sua alma abandonasse seu corpo com seu nome nos lábios.

Ignorando os pensamentos do homem, Annabelle resmungou até que ficou adormeceu, com o travesseiro molhado de lágrimas. Não haveria nenhum homem mais jovem em sua vida, pensou sentindo-se muito infeliz, porque tinha se apaixonado por um ressentido e machucado Texas Ranger que não a queria. Pela primeira vez em sua vida, odiou o livro herdado. Era tudo mentira, disse pra si fechando os olhos. Não existiam nem amor verdadeiro nem a felicidade. Era um bonito conto para ler para as meninas, que ainda tinham ilusões. depois daquela noite, estava certa de que as suas tinham desaparecido para sempre.

Mas, ai, o prazer de seus braços e sua forte boca na sua duraria até que fosse uma anciã, murmurou. E então seria capaz de ver seu amado rosto e ouvir sua profunda respiração, e apaixonar-se de novo.

O fim de semana passou com lentidão. Annabelle fingia não perceber as luzes que se acendiam e apagavam na casa do lado. Seguiu sua rotina habitual com seus pais, e depois do segundo serviço dominical, já pela tarde, preparou-se para ir para cama sem nenhum entusiasmo. O dia seguinte era segunda-feira e não sabia se seria bem recebida na casa do lado.

Abriu o cofre que continha seu precioso livro e o acariciou com carinho. Oxalá, pensava, oxalá fosse algo mais que uma doce fantasia. O que mais desejava no mundo era compartilhar a dura e perigosa vida de seu vizinho. Não pediria nada nem necessitaria nada mais se tivesse seu amor. Fechou o cofre e o deixou de lado. O tempo diria, pensou. Se estavam destinados um para o outro, ela compartilharia sua sorte. Do contrário, nem todas as esperanças, desejos e sonhos do mundo conseguiriam aproximá-la dele.

No dia seguinte à tarde, Annabelle pegou a cartilha, papel e lápis e, com Jane e Rose em seus calcanhares se dirigiu com determinação para a casa ao lado.

Mas quando chamou, não obteve resposta. As cortinas estavam fechadas. Não se ouvia nada dentro. Viu uma garrafa de leite fresco junto à porta, mas já estava ali há um dia. Se não fosse para a geladeira acabaria azedando.

— Onde acha que ele está? — perguntou Jane.

— Certamente saiu — respondeu Annabelle em voz alta. O mais provável era que estivesse escondido detrás da porta, para não vê-la — Voltemos para casa, meninas — acrescentou, levantando a voz.

Mas em lugar de ir, pediu silenciosamente que sua irmãs se fossem. Com curiosidade, mas sem protestar, pegaram a cartilha e o papel da mão de sua irmã e se afastaram rapidamente.

Annabelle encostou o ouvido na porta. Ouviu uma voz lá dentro. Mas não era a voz de Torrance. O coração quase parou enquanto escutava.

— Seu grupo entrou onde não devia, Torrance — dizia um homem de voz áspera e que ria de um modo desagradável — Uma pena. Desta não vai se livrar. Achei que seria fácil o surpreender, depois que os *yaquis* fizeram picadinho de você. E assim foi. Nos velhos tempos não teria conseguido. Agora você vai pagar a morte de seus irmãos. Quando chegar o trem das 4.30 e se ouça o assobio da locomotiva, meterei uma bala do 45 no crânio e, quando o trem se for, eu terei feito o mesmo pela janela aberta que há detrás da casa. Vão demorar muitos dias para o encontrar!

Horrorizada, Annabelle levou a mão ao peito para parar seu louco coração. Tinha que fazer algo, mas o que? Seu pai não estava em casa. Não havia homens por perto e o velho senhor James, que nem sequer poderia empunhar uma pistola com suas mãos artríticas. Annabelle não tinha pistola.

Seus olhos procuraram freneticamente uma arma e encontraram uma fácil de usar. Era uma enxada, que Torrance usava para arrancar as ervas daninhas. Agora, como podia salvá-lo?

O homem de dentro havia dito que a janela traseira estava aberta. As janelas eram muito baixas naquela casa. Annabelle se dirigiu silenciosamente à parte de trás, e viu que a janela da cozinha estava aberta.

Cuidadosamente, com o coração a galope, tirou os sapatos e só com as meias, saltou pela janela. Graças a Deus, tinha sido um pouco masculina quando viviam na outra casa e não a senhorita afetada que sua mãe teria querido! Estendeu a mão para pegar a enxada e a introduziu sem fazer ruído.

Percorreu o largo corredor que conduzia à sala de trás, onde viu John Torrance sentado em uma cadeira enquanto um homem pequeno e enrugado apontava um revólver para seu peito. Santo Deus, como faria para se aproximar às escondidas daquele homem?

Enquanto estava ali, sem se decidir, Torrance virou a cabeça. Annabelle não soube se foi porque os agudos ouvidos masculinos perceberam algo ou porque sentiu a presença da moça de maneira instintiva. Qualquer que fosse a razão, o certo é que a viu. Por toda a vida, se lembraria do rosto dele naquele momento. De assombro, de prazer, de alegria e um pouco parecido ao horror.

Sem dar o menor indício de que acabava de ver algo fora do normal, Torrance levantou o queixo e olhou para o pistoleiro.

— Adiante — disse com atitude de desafio — Se for me matar, faça já. Puxa o gatilho, maldição. Seu imbecil, covarde, dispara!

O coração de Annabelle parou. Percebeu imediatamente que ele incitava o criminoso a matá-lo para que ela não arriscasse a vida o ajudando. Era um sacrifício de proporções inexprimíveis. E ela soube no ato por que o fazia. Soube que ele a amava.

Da angústia passou a uma alegria quase etérea. Será que ele não se dava conta de que sem ele não havia vida para ela? Se ele morresse, ela também. Apertou os dentes e olhou ao seu redor em busca de uma arma melhor do que a que tinha na mão.

Torrance viu que o pistoleiro ria.

— Oh não, não conseguirá que me precipite — disse. — O trem não demorará para chegar. Então será o momento. Não vou me expor para que me capturem. É uma pena que você tenha baixado a guarda, não é?

Torrance se esforçou por manter a calma, embora agora se enfrentava à possibilidade de perder o que mais queria no mundo, e não era sua própria vida.

— Sim, uma pena que não tenha tido tempo de pegar a escopeta carregada que guardo ao lado da despensa, — disse. Ignorava se Annabelle sabia disparar uma arma de fogo, mas ao menos poderia empunhá-la e ameaçar com ela aquele facínora, o que seria suficiente. A menos que o homem a disparar nela. — Santo Deus, protege-a!

Annabelle ouviu o comentário e, com um suspiro de alívio, foi nas pontas dos pés até a sala de jantar, onde estava a despensa, e encontrou a escopeta. Pesava uma tonelada. Mas sabia usá-la. Vovô Monroe a ensinara.

Levantou a arma com determinação e voltou nas pontas dos pés para a porta. O pistoleiro estava olhando seu relógio, sem prestar atenção a nada em particular, salvo ao tempo. Ao longe se ouvia o apito do trem. De um momento para outro, entraria no povoado e aquela horrível pistola seria dispara e John estaria morto!

John estava tenso e Annabelle soube que era consciente de sua presença. Annabelle não o olhou. Levantou a escopeta e apontou para o pistoleiro.

— Solte a arma! Disse empunhando a escopeta.

O pistoleiro se assustou como se tivesse recebido um golpe. O relógio caiu no chão e o intruso se preparou para usar a pistola.

— Não faça isso! — Gritou Torrance. — É uma campeã em tiro de escopeta!

A ameaça confundiu o pistoleiro, que ficou indeciso, sem saber o que fazer e, antes que pudesse se decidir, Torrance se adiantou.

Uns segundos depois, tudo tinha terminado. Torrance tinha arrebatado a pistola e tinha dado um belo golpe na testa com o canhão. O homem estava no chão, inconsciente.

Torrance ficou em pé e se voltou. Seu rosto estava branco como o papel e seus olhos davam medo.

— Está bem? — perguntou com brutalidade. Annabelle tremia da cabeça aos pés.
— Não! — resmungou, com lágrimas nos olhos. — Nunca passei tanto medo em toda a minha vida.

Ele se pôs a rir. Depois daquela demonstração de valentia, ficou aturdida. Pegou a escopeta das suas mãos, soltou o gatilho suavemente para que não disparasse a arma e a pôs no chão.

Annabelle se jogou em seus braços, apertando-se contra ele, com a voz alquebrada tentando afastar os temores que prendiam sua garganta.

John a estreitou contra si e se inclinou para beijá-la, com tanta ternura que ela pôs-se a chorar. Grudou no homem como se fosse uma segunda pele, parte dele.

— Oh, agora terá que se casar comigo — sussurrou Annabelle com os lábios presos na boca de Torrance. — Posso ser sua ajudante e usar uma arma menor e menos intimidante, e juntos perseguiremos foragidos. Vê? Agora tenho experiência.

Seus risonhos olhos desarmaram ao John. Este lhe acariciou o rosto com mão suave e tremente.

—Tenho tão pouco para te dar…— disse com voz abafada.

— Isso não é verdade — replicou ela. — Me ama.

Torrance se ruborizou.

— Está muito segura do que diz.

— Teria deixado que diparasse em você pra me livrar do perigo — disse Annabelle, comovida ao lembrar. — Será que não sabe que pra mim a vida não existe sem você?

A declaração o deixou boquiaberto.

— Me ama?

— Claro que sim — disse ela se encostando nele e se apertando contra ele. — Com todas minhas forças!

Torrance acariciava suas costas com ar ausente. Repassou mentalmente todos os obstáculos, mas não conseguiu encontrar nenhum que importasse. Nem a idade nem a educação podiam rebater o amor que sentiam.

— Pedirei sua mão a seu pai. — disse calmamente. — Mas temo que não me conceda isso.

— Então nós fugiremos no meio da noite e viveremos em pecado até que um padre da aldeia nos case!

Torrance se pôs-se a rir.

— Annabelle!

— Meu pai concederá minha mão— disse ela. — Me quer bem. Ele deseja minha felicidade — acrescentou, percorrendo com mão amorosa as cicatrizes do rosto amado. — Faz anos que venho lendo nosso maravilhoso livro e sempre tive a esperança de encontrar o tipo de vida da qual fala. Nunca sonhei que seria tão doce, nem que a encontraria entre tanta violência.

John suspirou contente.

— Poderá ler para nossos filhos — disse com um sorriso. — E possivelmente também eles encontrem o milagre que nós encontramos.

Ela ficou nas pontas dos pés para beijá-lo.

— Disso não tenho a menor duvida.

A família da jovem ficou horrorizada ao se inteirar do perigo que os dois tinham passado, mas ninguém pôs objeções a que Annabelle se casasse com seu Texas Ranger. Ele voltou para seu trabalho em Alpine e ela foi com ele, transformada em uma ofegante e emocionada esposa. E com o tempo, depois de anos de felicidade e dois filhos, Annabelle teve uma filha, que fez as delícias de seus pais e foi o pior pesadelo de seus dois irmãos, mas que completou o círculo familiar. Cresceu até converter-se em uma linda jovem e, quando completou os dezoito anos, a herança de Annabelle voltou a passar de mãe para filha. E começou outro capítulo de amor.